

Sarney acha que paixão no Congresso não tem futuro

O provável presidente da Arena, senador José Sarney, previu que os políticos mais exaltados e apaixonados vão comandar as ações, no início da próxima legislatura, mas acredita que se trate de "um fenômeno episódico, circunstancial, fadado a desaparecer quando a atividade política puder flutuar normalmente". Essa radicalização, que considera "natural", ele atribui a contenção da atividade política "durante tanto tempo".

Com o desenvolvimento normal dessas atividades, os radicais "ficarão em seus devidos lugares", abrindo espaço para os mais capazes de encarnar o interesse e a grande aspiração do país em favor de um regime democrático-liberal, no qual os extremismos não encontrarão campo para frutificar. Para Sarney, a decadência das ideologias "é o mais importante fenômeno identificado no mundo político moderno: o que era moda, há algumas décadas, como por exemplo as teorias coletivistas, deixou de sê-lo, e a própria geração que aderirá aqueles modismos está hoje promovendo sua autocrítica".

O parlamentar arenista defendeu o fortalecimento dos partidos, como um dos principais fatores de estabilidade das democracias ocidentais, acreditando que não é possível chegar-se a uma democracia verdadeiramente representativa, se esta não tiver, como base fundamental de operação, os partidos: "não conheço modelo ocidental de democracia forte e estável que despreze partidos estáveis e poderosos".

Sarney desmentiu que estivesse insatisfeito com sua preterição no futuro Ministério de Figueiredo, e encarando, por conseguinte, a possibilidade de suceder ao governador "eleito" Francelino Pereira como uma diminuição. Ao contrário, disse que receberia essa indicação — não formalizada ainda — com um desafio a qualquer homem público", pelas peculiaridades e importância do momento político nacional, sobretudo neste período de transição que já estamos vivendo".

Sob essa ótica aliás, é que ele atribui parcela idêntica de responsabilidade a Arena e ao MDB, na medida em que somente os dois, em conjun-

to, serão capazes de operar legitimamente o poder político para o êxito da tarefa fundamental, que representa a passagem de um regime caracterizado por atos de excepcionalidade, para a conquista do aprimoramento democrático". A oposição — antecipa — não deverá, nestas circunstâncias, interpor obstáculos intransponíveis à obtenção daquele objetivo, "nem mesmo com uma bancada reforçada pelo chamado grupo autêntico".

Depois de recorrer a um provérbio ("O Criador já se preocupa com a renovação, fazendo nascer e morrer gente todo dia"), o senador José Sarney repeliu as críticas à permanência dos mesmos nomes e o retorno de outros, a postos ministeriais. A escolha do general Figueiredo lhe pareceu acertada, acrescentando que não via razão também para se querer mudar o modelo econômico atual: "não se deve mudar o que está dando certo, mas apenas atualizá-lo e renová-lo, dentro da própria dinâmica dos fatos econômicos, sociais e políticos".

Quanto a dívida externa, que os adversários do modelo apontam como exemplo de seu fracasso, José Sarney minimizou os seus efeitos, sob o argumento de que "o endividamento não foi feito para comprar futilidades, mas para enriquecer o patrimônio do país, em termos de siderúrgica, melhoria dos serviços de telecomunicações, ampliação dos parques energético e industriais, etc".

"Quanto vale isso? — Indagou, lembrando que o assunto está sendo passionalizado, no Brasil, enquanto o Canadá, devedor de mais de 120 milhões de dólares, o encara com normalidade". Com suas potencialidades, o Brasil não tem por que encarar a dívida externa como uma catástrofe" — concluiu.